

CIÊNCIA & SAÚDE

Fotos: AE



Na Amazônia, a soja, a extração da madeira e a pecuária são ameaças para a grande biodiversidade da região

ECOLOGIA

A saúde ambiental do Brasil pede ajuda

Amazônia e Pantanal em melhor estado

EDUARDO GERAQUE de Vitória

Amazônia e o Pantanal ainda são os ecossistemas mais preservados do território brasileiro. Mesmo com a grande pressão exploratória, que aumenta a cada ano, a biodiversidade destes dois grandes biomas nacionais ainda está razoavelmente preservada. Já amplamente devastados estão a Mata Atlântica e o cerrado, ambos na lista das 25 regiões mais ameaçadas do planeta, segundo estudo realizado neste ano pela organização não-governamental Conservation International. O conjunto de ecossistemas localizados no litoral brasileiro, assim como a caatinga, também sofrem grandes devastações, a maior parte de origem antrópica, ou seja, resultante da ação do homem sobre a vegetação natural.

"A Amazônia e o Pantanal estarão na nossa próxima publicação, que enfocará as wilderness areas" — conceito que identifica os grandes blocos florestais que possuem mais de 75% de sua vegetação original, explica Reinaldo Lourival, coordenador do programa Pantanal da Conservation International do Brasil. Além das regiões amazônicas e pantaneiras, todos os principais ecossistemas brasileiros, desde os campos e as florestas de araucária do sul do país até as várzeas e os manguezais nortistas, foram enfocados pelos principais pesquisadores do Brasil no V Simpósio de Ecossistemas Brasileiros: Conservação, realizado no mês passado em Vitória, Espírito Santo.

Durante seis dias, os principais problemas conservacionistas do país foram expostos a um público de 700 pessoas. Como as agressões aos ecossistemas são muitas e a biodiversidade brasileira ainda é a maior do globo, muitos caminhos foram traçados para o futuro. Sem ciência, respeito à legislação e participação social não haverá preservação no

país, concluíram os participantes do simpósio capixaba.

No caso amazônico, as duas maiores pressões que existem nesta virada do milênio sobre a biodiversidade são o extrativismo, principalmente o da madeira, e a expansão das fronteiras agrícolas. O pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Philip Fearnside, mostrou em Vitória uma das mais recentes ameaças ao cenário amazônico. Para ele, a soja representa um perigoso inimigo para a biodiversidade da região. Talvez maior que o problema do desmatamento em si, que a soja provoca, seja o seu "efeito arrasto". Junto com a nova cultura, é necessário que sejam construídas hidrovias e portos para que a produção consiga chegar ao exterior. O mercado da soja, hoje, tem um grande apelo internacional para continuar a se expandir.

Segundo o pesquisador do Inpa, o "efeito arrasto" que ele considera em seus estudos escapa totalmente do atual Relatório de Impactos sobre o Meio Ambiente (Rima) e o processo de licenciamento de projetos. "Muito da porção amazônica do Programa Brasil em Ação foi dedicado à infraestrutura da soja." Para o pesquisador, uma das saídas para reduzir o problema é criar áreas de proteção da floresta antes da chegada da soja naquela região, além de diminuir os impactos da infra-estrutura necessária para o escoamento da produção.

Descendo o Amazonas rumo ao mar, os problemas vão aumentando ainda mais. No litoral do Brasil, independentemente da região, os impactos podem apenas ser diferentes, mas a gravidade é a mesma. A zona costeira brasileira está sendo agredida muito mais que a região amazônica nos dias de hoje, apesar de toda a pressão contra a preservação ambiental que também existe no norte

do Brasil. Conforme mostrou o estudo da cientista Adriana Brito Silva e colaboradores, todos do Laboratório Bioma — Minicentro de Ensino e Informação sobre Zonas Úmidas Costeiras, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP), vários são os agentes impactantes que atuam sobre os delicados ecossistemas costeiros do país.

Em termos de diversidade de ecossistemas atingidos, os derramamentos de petróleo, a especulação imobiliária e os lançamentos de esgoto no mar são os mais nocivos ao meio ambiente. Acidentes como o deste ano, no Rio, podem afetar, por exemplo, os costões rochosos, os arrecifes, as praias, os estuários e os manguezais. No caso dos condomínios irregulares, que existem no litoral de quase todos os Estados brasileiros banhados pelo Atlântico, as restingas, por exemplo, são duramente afetadas. O único ecossistema que está salvo desta forma de destruição são os arrecifes. A pesquisadora se utiliza de um trecho do artigo 225 da Constituição Federal para mostrar que uma das principais causas do problema está na ausência de fiscalização por parte dos órgãos governamentais: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações."

No caso específico das restingas do litoral brasileiro, os pesquisadores já definiram as 75 áreas prioritárias para a conservação ambiental. A maior quantidade delas (49,3%) localiza-se no Nordeste do país. "De todas estas áreas identificadas pelos cientistas que trabalham com a restinga, 20% delas possuem uma alta importância biológica", explica Sandro Menezes Silva, biólogo e professor da Universidade Federal do Paraná, que coordenou o levantamento das áreas mais impactadas. Segundo

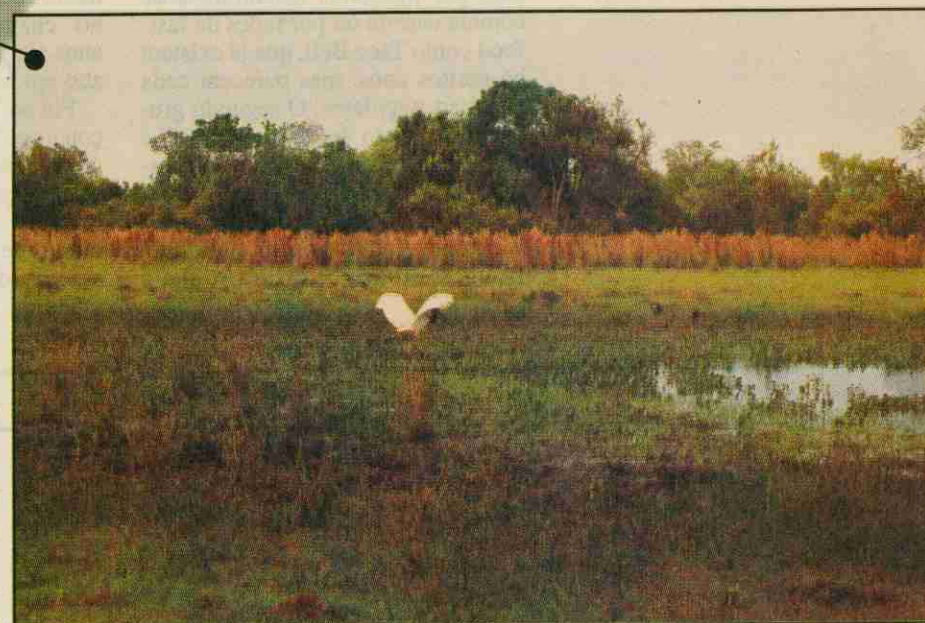


Os impactos negativos na zona costeira

	✓ Presença de Impacto		✗ Ausência de Impacto		
	Arrecifes	Praias	Restingas	Estuários	Manguezais
Derramamento de óleo	✓	✓	✗	✓	✓
Especulação imobiliária	✗	✓	✓	✓	✓
Esgoto	✓	✓	✓	✓	✓
Turismo predatório	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: Adaptado de Silva, Adriana — V Simpósio de Ecossistemas Brasileiros, 2000

No interior, o bioma Pantanal ainda tem 75% de sua área total praticamente intactos, segundo os pesquisadores



ainda os dados apresentados pelo grupo que estuda as restingas, 33,8% das regiões consideradas prioritárias estão com um alto grau de comprometimento. No Nordeste, onde se concentra o maior número de áreas, os principais agentes impactantes são a ocupação desordenada do litoral, o alto grau de desmatamento da região e também o turismo predatório.

Muito próximo das restingas, as áreas de Mata Atlântica chamaram primeiro a atenção dos exploradores imediatistas. Desde a época da chegada dos portugueses, que iniciaram a extração do pau-brasil, até hoje este bioma sofreu contundentes saques. Conforme mostra o último estudo elaborado pela ONG SOS Mata Atlântica, apenas 7,3% dos 1,119 milhão de quilômetros quadrados estão intactos. As áreas mais preservadas de Mata Atlântica estão no sul do Estado de São Paulo, na região próxima à cidade de Cananéia e no litoral sul da Bahia. É claro que a história de devastação da Mata Atlântica brasileira, outra grande fonte de riquezas naturais, está muito relacionada com a ocupação do país nestes 500 anos. O litoral brasileiro, onde está a maior parte da Mata Atlântica, abriga 70% da população nacional. Também estão no litoral 75% dos

principais centros urbanos do país. A cultura do desmatamento já impera em populações do interior dos Estados litorâneos, como ocorre no Rio de Janeiro. Nos últimos cinco anos, o Rio perdeu 13,13% da sua área de Mata Atlântica. Parte desta agressão ao meio ambiente ocorreu por causa de pequenos produtores, que não conseguem obter uma alta produção em suas terras. A perda ambiental é tão grande que o custo/benefício, portanto, não justifica o extermínio da Mata Atlântica fluminense.

Os dois biomas característicos das regiões mais secas do país, o cerrado e a caatinga, apesar de aparentemente inóspitos, também são atingidos por impactos negativos. A caça ilegal aliada ao comércio de peles são problemas comuns a estes dois ecossistemas. Na caatinga, segundo o professor Adalberto Freire, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além da caça, a exploração mineral, aliada à falta de atenção do governo para com a área, também são problemas que precisam ser enfrentados.

O caso do cerrado é mais grave. Este ecossistema, que ocupa 20% do território brasileiro, já tem 67% de seus domínios altamente modificados. Uma das principais caracterís-

ticas desta unidade ecológica, que precisa ser preservada para efeitos da manutenção da biodiversidade, é o endemismo de suas espécies. No caso da espécie vegetal, por exemplo, 44% são exclusivos do cerrado brasileiro. A flora do cerrado é uma das mais ricas das savanas tropicais. Em termos de fauna, a diversidade também é alta. A quantidade de aves que existe no cerrado é a quarta maior do mundo.

Sem considerar nenhum dos seis grandes biomas brasileiros de forma específica, todos os pesquisadores presentes em Vitória consideram como ferramenta fundamental para a manutenção da biodiversidade as unidades de conservação. Elas podem ter objetivos e tamanhos diferentes e devem ser demarcadas de acordo com o levantamento da fauna e flora da região.

Apesar de o conceito de unidades de conservação ser considerado positivo, um cálculo do professor Gilberto Cintron-Molero, da organização U.S. Fish and Wildlife Service, dá a correta dimensão do caminho que ainda falta percorrer. "No Brasil, das 214 áreas protegidas, apenas quatro têm mais de dez mil quilômetros quadrados." Estas dimensões, segundo o pesquisador da entidade ambiental americana, são consideradas ideais para que as agressões ao meio ambiente ocorram em menor número possível.